

EIXO TEMÁTICO: DESENVOLVIMENTO DO PARADESPORTO

Benefícios Psicossociais do Treinamento Esportivo em Tênis em Cadeira de Rodas

Psychosocial Benefits of Sport Training in Wheelchair Tennis

Vitor Ciampolini¹; Diego Augusto Santos Silva¹; Luciano Lazzaris Fernandes³; Larissa Rafaela Galatti

1 – Graduando de Bacharelado em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); 2 – Professor Adjunto da UFSC;

3 – Vice-diretor do Centro de Desportos (CDS) da UFSC, Florianópolis.

E-mail contato: vciampolini@hotmail.com

Resumo

O esporte adaptado tem sido cada vez mais procurado por pessoas com deficiência, que atribuem à prática diferentes significados, tais como: saúde, profissão, representação e socialização. Dentre estas, destacamos o Tênis em Cadeira de Rodas (TC). Objetivo: Relatar os benefícios psicossociais observados em pessoas com deficiência participantes de um projeto de TC. Metodologia: Estudo descritivo com delineamento de relato de caso. Os dados foram obtidos após experiência de dezoito meses no projeto de Treinamento Esportivo em Tênis para Pessoas com Deficiência da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ao longo dos quais foram coletados, de forma aleatória, depoimento acerca dos benefícios observados coma prática do TC pelos seis esportistas participantes do projeto. Resultados: Foram observadas duas vertentes de interesse no TC: (1) prática para a saúde, sendo relatados benefícios na qualidade de vida a partir da interação com os colegas, amizade, estímulo para convivência e mobilidade; (2) representação, com o treinamento para o desempenho a fim de competir em torneios de diferente nível, sendo relatados benefícios semelhantes ao grupo anterior. Conclusão: Foi constatado alto índice de importância dos esportistas quanto à sua participação no projeto, sendo atribuída ao envolvimento com o TC melhora na qualidade de vida em seus múltiplos aspectos, independentemente do objetivo do treinamento.

Descritores: Paradesporto, Treinamento, socialização, tênis em cadeira de rodas. Keywords: Adapted sports, training, socialization, wheelchair tennis.

Introdução

Desde a Segunda Guerra Mundial observa-se o surgimento e desenvolvimento de diversas modalidades paradesportivas¹. Dentre estas, o tênis em cadeira de rodas (TC) surgiu nos Estados Unidos em 1976 pela criação do americano Brad Parks. No Brasil, o tênis em cadeira de rodas foi introduzido em 1985, sendo hoje o país com o maior número de praticantes na América Latina².

Apesar de ser uma modalidade individual, o TC pode ser praticado em grupos, principalmente quando se trata de treinos para iniciação, onde se procura integrar os indivíduos para um aprendizado em conjunto, criando um ambiente prazeroso de descontração e facilitando o desenvolvimento e socialização destes indivíduos³.

Dessa forma, o objetivo desse estudo é relatar os benefícios psicossociais relatados e observados durante uma experiência de dezoito meses em um projeto de TC para pessoas com deficiência.

Método

Estudo descritivo com delineamento de relato de caso dos benefícios psicossociais observados nos participantes do projeto de Treinamento Esportivo em Tênis para Pessoas com Deficiência da UFSC, durante dezoito meses das sessões de treinamento. Nesse período participaram seis atletas, sendo eles, cinco do sexo masculino e uma do sexo feminino, com idade entre 30 e 55 anos e com tempo da modalidade entre quatro e 15 anos. Os três tipos de lesão que se encontravam na equipe eram: poliomielite, lesão medular e amputação de membro inferior.

As entrevistas, abertas e não estruturadas, foram realizadas ao final das sessões de treinamento, individualmente. Tinham por objetivo reunir elementos, a partir da perspectiva dos jogadores, que nos possibilitasse inferir os possíveis benefícios gerais proporcionados pela

prática do TC e a trajetória dos atletas na prática desse paradesporto desde sua lesão, até os dias atuais.

As sessões de treinamento foram realizadas cinco vezes na semana, sendo três horas diárias, nas quadras de tênis do CDS-UFSC, em Florianópolis-SC, sendo formalizado junto à instituição enquanto projeto de extensão. Tinham a característica de integrar todos os participantes nas mesmas atividades, para que a socialização fosse um fator motivador.

Cada sessão de treino era organizada em quatro blocos: (1) aquecimento e preparação física (2) desenvolvimento de exercícios utilizando da metodologia baseado no princípio analítico-sintético^{4,5}, para o desenvolvimento dos golpes e fundamentos da modalidade; (3) formas jogadas a partir do princípio global-funcional com ênfase nas situações de jogo^{4,5}, para o desenvolvimento técnico-tático articulado às demandas específicas da modalidade; e (4) jogo formal, para o desenvolvimento do TC em sua total complexidade.

Resultados

Foram observadas duas vertentes de interesse dos praticantes em relação ao TC: prática para a saúde e prática para representação.

O grupo interessado em saúde relatou benefícios decorrentes do envolvimento com o TC na qualidade de vida a partir da interação com os colegas, amizade, estímulo para convivência e mobilidade. O segundo grupo, que enxergava a prática do TC como treinamento esportivo visando melhorar sua performance na participação de competições, curiosamente manifestou benefícios semelhantes aos relatados pelo grupo anterior.

A “socialização” foi especialmente destacada pelos dois grupos, ainda que com diferenças: os praticantes com ênfase na promoção de saúde relataram que a socialização durante as sessões de treinamento era um dos principais aspectos motivadores para que esta se tornasse

prazerosa. Já para os indivíduos que buscavam o alto rendimento, a socialização era consequência da busca pelo aprimoramento do desempenho, devido aos exercícios realizados em grupo.

A assiduidade nas sessões e a observância da prática do TC como muito importante em sua vida foi a mesma entre os dois grupos, assim como a defesa da prática paradesportiva a partir do TC como essencial para a superação de possíveis prejuízos à qualidade de vida decorrentes da deficiência, preenchendo uma parcela muito importante em suas vidas, tornando-a algo insubstituível em seu dia a dia.

Discussão

Mesmo com a verificação das duas vertentes de objetivos da prática esportiva, pode ser grande a importância da participação das pessoas com deficiência em uma equipe esportiva para a manutenção de sua saúde e qualidade de vida, assim como relata o estudo de Groff, Lundberg e Zabriskie ⁶, que constatou que dentre as cinco principais razões para a prática paradesportiva entre as pessoas com deficiência entrevistadas, a motivação por fazer parte de um time, o desejo de se divertir e a socialização são aspectos importantíssimos influenciados por esta.

Os mesmos autores, assim como Sporer et al.⁷, destacam que os benefícios associados à prática paradesportiva a pessoas com deficiência vão além do aspecto motor ou apenas da melhora em uma dada modalidade: cresce em qualidade de vida o fato deste saber que existem pessoas aguardando-o para a prática, de que esta será algo agradável e boa para sua distração, de que poderão participar de um evento esportivo com seus pares que sofrem das mesmas dificuldades, e para que se relacionem com seu ciclo de amizades.

No presente estudo, a inclusão dos indivíduos com diferentes objetivos nas sessões de treinamento foi considerada como aspecto positivo à motivação dos participantes, pois, quando o esporte atua como ferramenta para a promo-

ção de saúde, qualidade de vida e integração social, desenvolve-se um ambiente livre de qualquer barreira, seja de deficiência, etnia, classe social, idade ou gênero, tornando a prática mais agradável e acessível⁸.

Conclusão

Houve um apontamento notável dos benefícios psicossociais proporcionados pela prática do TC por todos os indivíduos do projeto, como principalmente, a melhora da qualidade de vida a partir da interação social com os demais participantes, amizade, estímulo para convivência, aprimoramento da mobilidade, assim como a importância da prática paradesportiva em suas vidas. Desta forma, conclui-se que independentemente do nível de desempenho e objetivo da prática, neste grupo o treinamento oportunizou melhorias e experiências indispensáveis na vida da pessoa com deficiência.

Referências

1. Patel DR, Greydanus DE. The pediatric athlete with disabilities. *The Pediatric clinics of North America*. 2002;49(4).
2. Pomme M, Cavalcanti WA. Tênis em Cadeira de Rodas: Manual de Orientação para Professores de Educação Física. Brasília: Comitê Paralímpico Brasileiro. 2006.
3. Kawakami RM, Corrêa DA. O construtivismo aplicado ao processo de aprendizagem do tênis de campo: a inserção de uma perspectiva valorativa na formação do indivíduo e do atleta. In: *Anais da 5ª Mostra Acadêmica UNIMEP*; 23-25 Set; Piracicaba, São Paulo. 1992. p. 1-5.
4. Greco PJ, Benda RN. Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico. *Belo horizonte: UFMG*. 1998;1:230.
5. Galatti LR, Serrano P, Montero Seoane A, Paes RR. Pedagogia do Esporte e Basquetebol: aspectos metodológicos para o desenvolvimento motor e técnico do atleta em formação. *Rio de Janeiro: Arquivos em Movimento*. 2012;8(2).

6. Groff DG, Lundberg NR, Zabriskie RB. Influence of adapted sport on quality of life: Perceptions of athletes with cerebral palsy. *Disability and Rehabilitation*. 2009;31(4):318-26.
7. Sporner ML, Fitzgerald SG, Dicianno BE, Collins D, Teodorski E, Pasquina PF, et al. Psychosocial impact of participation in the National Veterans Wheelchair Games and Winter Sports Clinic. *Disability and Rehabilitation*. 2009;31(5):410-8.
8. Blauwet C, Willick SE. The Paralympic Movement: Using Sports to Promote Health, Disability Rights, and Social Integration for Athletes With Disabilities. *PM&R*. 2012;4(11):851-6.

Buscando o topo: Um jovem com Síndrome de Down na escalada

Reaching de top: A boy with Down Syndrome in climbing

Dimitri Wuo Pereira

Mestre em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu, São Paulo; Professor de esportes radicais da Universidade Nove de Julho.

Email dimitripereira@uninove.br

Resumo

Introdução: A escalada é uma modalidade arriscada, pois estar pendurado às alturas pode representar sérios danos a vida no caso de um erro, ou um queda. Alguns deficientes tem se lançado a essa prática, procurando obter feitos que muitas pessoas nem imaginariam, como é o caso de um cego que atingiu o topo do Everest. Mas pensar nesse prática, para um adolescente em uma escola é ainda mais ousado, e se for um portador de Síndrome de Down, então pode ser ainda mais difícil. **Objetivo:** Esse trabalho pretende descrever num estudo de caso de como foi a aprendizagem da escalada para um estudante de São Paulo. **Métodos:** Essa pesquisa qualitativa utilizou como instrumentos: o Diário de Campo, o Sistema Conversacional, o Completamento de Frases e o Questionário, a pesquisa se baseia na fundamentação teórica da Epistemologia Qualitativa, que confere os pesquisador a responsabilidade da produção do conhecimento em conjunto com os participantes. A pesquisa ocorreu em 12 aulas de escalada e uma prática em rocha com um estudante com 13 anos verificando-se sua aprendizagem. As aulas foram numa situação cujo controle por parte do professor era mais fácil, porque o ambiente é mais previsível, já a experiência em rocha trouxe mais do que os 7 metros usuais da parede da escola aspectos diversos, como: o inusitado ao adolescente, o clima, a caminhada ao local, a logística do carregamento de materiais, lanches e água, o transporte, a novidade de subir. **Resultados:** Como qualquer adolescente ele apresenta qualidades e potenciais de desenvolvimento. Ele esforçou-se para se adaptar as situações novas que surgiam, e apesar de seu medo de altura superou uma parede de 25m na rocha, ampliando suas habilidades e capacidades. **Conclusões:** O garoto se auto organizou durante a prática, ou seja, ferveu por dentro como se diz na perspectiva da complexidade, para encontrar soluções que trouxessem felicidade e superação pessoal, apontando para novas possibilidades em iniciação esportiva.

Descritores: Síndrome de Down, montanhismo, iniciação esportiva.

Keywords: Down Syndrome, mountaineering, sports initiation

Introdução

Ser humano significa utilizar o meio físico com significados culturais, que nos conduzam a uma singularidade, isso nos transforma em sujeitos com intencionalidades, e com consciência de quem somos no mundo, e do que queremos para o futuro. Organizar é ferver por dentro, isto é, produzir novidades a partir das interações com o meio que permitam resolver os problemas essenciais como a própria sobrevivência ou a felicidade¹. Essas características são encontradas na escalada.

A prática de esporte cujo risco iminente deve ser controlado, ganha novos adeptos a cada dia. Porém, pensar em pessoas com deficiência praticando atividades perigosas não é algo comum, pois toda dificuldade de movimento, de perdas sensoriais, de controle neural, ou de dificuldade de aprendizagem conduzem a noção de fragilidade, e de impossibilidade para essas pessoas de lidar com situações que podem levar a morte².

Em todo o mundo, há alguns relatos de experiências desse tipo, sabe-se que um escalador cego subiu ao topo do Everest, que um norte americano escala rochas perigosas sem ter uma das mãos, e que o brasileiro Raphael Nishimura sagrou-se vice-campeão mundial de paraescaldada no ano de 2012. Mas pensar na iniciação esportiva de uma pessoa com alguma necessidade especial numa modalidade como a escalada é algo mais ousado.

Conhecer um caso como esse pode quebrar paradigmas. Esse é o objetivo do trabalho, que descreve um jovem na prática da escalada numa escola de São Paulo.

Método

Esse estudo de caso utilizou a Epistemologia Qualitativa³. Nesse método, a pesquisa é vista na dimensão da construção do conhecimento, na qual o pesquisador e os sujei-

tos pesquisados interpretam as situações vividas, isto é, a realidade.

Os instrumentos definidos foram: o Diário de Campo (com anotações das atividades), o Sistema Conversacional (entrevistas gravadas), o Completamento de Frases (em que o sujeito continua uma frase com os pensamentos que mais lhe agradam) e o Questionário (com perguntas objetivas para verificação dos conhecimentos sobre escalada).

Esses instrumentos foram aplicados no contexto do Cenário de Pesquisa, isto é: 12 aulas de escalada ministradas no paredão da escola e uma praticada em rocha; um estudante com 13 anos de idade, com Síndrome de Down; a aprendizagem da prática da escalada; o pesquisador/professor de escalada.

Todas as informações foram obtidas a partir da autorização dos pais do aluno, através da assinatura do TCLE, devidamente protocolado no COEP – USJT número 019/2009, e com autorização da diretoria da escola.

A análise e a discussão das informações obtidas concluem-se como uma síntese teórica dos momentos empíricos do próprio processo de produção de conhecimento. Gonzalez Rey estrutura sua epistemologia na complexidade e, portanto o pensamento de Edgar Morin se faz necessário para analisar e complementar as informações obtidas no momento empírico.

Resultados e discussão

O sujeito

O participante dessa pesquisa, é um praticante de escalada na escola em que estuda desde os 8 anos de idade. A Síndrome de Down lhe confere uma aprendizagem mais lenta do que os demais colegas. Uma característica da Síndrome que ele reverteu, foi a hipotonia muscular. Ele se apresenta extremamente forte realizando mais flexões em suspensão na barra, do que seus amigos. Ele apresenta medo de altura e a escalada tem auxiliado a vencer esse desafio.

“[...] uma má educação, um atraso psicológico tardiamente superado, uma enfermidade, um traumatismo infantil, constituem igualmente condições favoráveis ao desvio intelectual”⁴.

Ele participou de todas as fases da pesquisa completando a parte escrita e as conversas, mostrando entendimento tanto da escalada, quanto de suas ações e interesses. Além disso, percebe-se que o ato de escalar, para ele, é encarado com seriedade. Ele não fica satisfeito quando erra uma via que pretende chegar ao fim.

O sujeito nas aulas

Reconhecer a nossa identidade planetária é perceber quem somos e que a Terra é nossa pátria mãe⁵. O escalador, pela vivência na natureza, vai reconhecendo as diferenças entre os locais, suas peculiaridades e qual seu potencial para enfrentar cada novo desafio.

O sujeito afirmou sobre isso que teve dificuldade na rocha por que: “eu acho que as agaras são separadas”. Conhecer as coisas é separá-las entre si, no caso, é preciso escolher as agarras a utilizar, para posicionar o corpo, e como essa foi a primeira vivência do participante em rocha, é natural que estivesse se adaptando à montanha. A complexidade em encontrá-las está em separá-las sem tirá-las do contexto.

O que aprendemos deve ser útil para nossa vida. A inteligência utiliza de dois expedientes: o programa, que é um automatismo decorrente da aprendizagem de como solucionar um problema conhecido, e a estratégia, que é uma forma de encarar um desafio novo no momento em que ele se apresenta⁵.

Em certa situação ele deveria colocar apenas dois dedos para se segurar. Ele usou o indicador e o dedo médio, mas de repente, mudou para médio e anular e daí prosseguiu. Para o leigo, isso parece irrelevante, mas os escaladores adquirem mais força nos dedos anular e médio, do que no indicador e médio, portanto, ele usou sua experiência e criou um programa motor que acredita ser mais eficiente para atingir a meta.

Já a situação da estratégia também pôde ser observada. O sujeito procurava uma agarra elevada e ficava pendurado apenas pelas mãos. Percebeu-se numa situação não confortável, e procurou um apoio para os pés. Olhou para baixo e pisou em uma agarra. Continuou e cruzou um braço por debaixo do outro para pegar a última. Ao fim olhou para mim confirmando seu êxito. Aqui ele criou um novo movimento, uma estratégia.

Ele tem grande flexibilidade articular. Quando se movimenta de frente para a parede, faz com facilidade. Ele também não utiliza muito a ponta dos pés, impedindo que gire o quadril e posicione-se lateralmente em relação à superfície escalada, uma técnica conhecida como *drop knee*. Isso não o impede de realizar as vias. Então, apesar de existir uma técnica ele prefere formas mais naturais para resolver os problemas, pois o conhecimento é importante desde que tenha uma utilidade e traga satisfação.

O sujeito respondeu sobre a relação da escalada com a preservação ambiental que: “Você precisa cuidar da natureza e dos animais principalmente alguns que mordam”. Cuidar da natureza se caracteriza como não destruir, tanto quanto, não ser destruído por ela. Esse é um pensamento do tipo recursivo¹, pois a natureza é nossa vida, e também pode nos levar a morte. A ética contém um princípio de exclusão do Eu, que deve preservar-se, ao mesmo tempo, em que contém um princípio de inclusão, o eu só existe na relação com o outro e com o meio⁴.

Na escalada em rocha o sujeito na primeira tentativa não atingiu o topo. Ele se decepcionou e quis desistir. Ele teve dificuldade com o medo de altura, pois estava acostumado com a parede com 7m de altura da escola e a rocha tinha 25m, além disso, por não usar bem os pés, e confiar nas forças das mãos, não se equilibrava e não ascendia.

Numa segunda tentativa e com o auxílio do pesquisador incentivando-o e fornecendo informações sobre os apoios, ele deixou seu corpo interagir com a rocha, sentindo-a e percebendo-a. Assim ganhou confiança. Ele

religou seu próprio corpo na escalada: mãos, tronco, pernas e pés trabalharam de forma conjunta para estabelecer um resultado esperado, isso em geral não ocorria na escola, porque ele utiliza mais suas habilidades mais conhecidas, evitando as novidades.

A escalada em rocha como religação dos saberes é um mosaico contendo vários elementos que devem articular-se para produzir os efeitos desejados. Os aspectos físicos, cognitivos, emocionais e sociais devem integrar-se, pois isoladamente são pouco eficientes.

Porque as pessoas sobem montanhas? Essa foi uma das questões que o sujeito respondeu. Meu objetivo é: “escalar para ficar forte”. Ele já é um adolescente muito forte. Mas percebe que a escalada pode tornar-lhe ainda mais forte, e isso aumenta a auto estima dele. A escalada exige diversos movimentos que requerem grande energia. Essa força é uma emergência de escalar. Emergência é aquilo que surge durante a subida quando o ser se auto organiza na interação com o meio. Ela provoca mudanças corporais, que são novas qualidades ou propriedades consideradas como úteis no futuro¹.

Conclusões

O jovem participante dessa pesquisa quando escala na escola se diverte e se prepara para os desafios da vida, ele resolve problemas utilizando os movimentos corporais para alcançar seus objetivos. Na escalada em rocha, devido a novidade e diferença de altura e de verticalidade, lhe faltou experiência para conseguir com facilidade, dessa forma, ele precisou criar novos programas motores que permitissem subir, pois sua facilidade em fazer força com o membros superiores não era suficiente, para ascender numa superfície menos inclinada que exige mais apoio dos pés. No momento do desafio de escalar os

25 metros da parede dele emergiu uma novidade, isto é, algo que não possuía antes e que só pôde aparecer no confronto com a dificuldade da tarefa. É exatamente isso que Morin chama de auto organização, ou seja, a capacidade de produzir uma resposta que dê conta da demanda do meio ambiente para se atingir o sucesso.

Observou-se também que junto com as questões motoras afloraram aspectos como medo, angústia, tristeza na situação de fracasso e alegria, felicidade, regozijo e auto confiança no momento de sucesso. Emoções que acompanham as pessoas quando colocadas em situação de perigo, tal qual a complexidade preconiza, é preciso saber trabalhar as questões motoras, afetivas, sociais e psíquicas de forma articulada, pois nada está isolado.

Assim, o jovem com Síndrome de Down apresentou sua singularidade, na prática da escalada, com suas intencionalidades potenciais, tendo no confronto com a escalada uma possibilidade de se construir, ou seja, a Escalada se mostrou uma boa estratégia para fazer aflorar potenciais de desenvolvimento para esse sujeito.

Referências

1. MORIN E. O Método 1. A natureza da natureza. Porto Alegre: Sulina, 2ª ed. 2005.
2. PEREIRA DW, NISTA-PICCOLO VL, ARAUJO CP. Diversas igualdades na escalada. Coleção Pesquisa em Educação Física. Jundiaí – SP: Fontoura, 2010; 11: 25 – 47.
3. GONZALEZ REY FL. Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.
4. MORIN E. O Método 4. As ideias: habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 4ª ed. 2005.
5. MORIN E. O Método 6. Ética. Porto Alegre: Sulina, 2ª ed. 2005.

O esporte e o atleta com deficiência intelectual: desenvolvimento psicológico na perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano

Sport and the athlete with intellectual disability: psychological development from a bioecological perspective on human development

Verena Junghähnel Pedrinelli^{1,2,3}; Graciele Massoli Rodrigues^{4,5}; Simone Salvador Gomes²; Gerson dos Santos Leite^{2,6}; Maria Regina Ferreira Brandão⁴

1 – Professora da Universidade São Judas Tadeu (USJT), São Paulo; 2 – Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu (USJT), São Paulo; 3 – Bolsista Capes; 4 – Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação Física e em Ciências do Envelhecimento da Universidade São Judas Tadeu (USJT); 5 – Professora da Escola Superior de Educação Física de Jundiaí; 6 – Professor da Universidade Nove de Julho (Uninove), São Paulo.
E-mail: vpedrinelli@uol.com.br

Resumo

Introdução: O desenvolvimento psicológico de uma pessoa inserida no ambiente esporte é complexo e multifacetado. A adoção de uma abordagem bioecológica do desenvolvimento humano tem sido recomendada para a compreensão deste fenômeno, uma vez que esta permite analisar, de forma inter-relacionada, os quatro elementos do modelo processo-pessoa-contexto-tempo. No ambiente esporte o uso de tal modelo permite elucidar a relevância dos processos proximais estabelecidos nas relações interpessoais. Uma pessoa ao ingressar no ambiente esporte estabelecerá novas relações, diferentes daquelas vividas no seu ambiente familiar. Incorporar uma análise das características pessoais da pessoa com deficiência intelectual, sua influência sobre os processos proximais presentes em um determinado contexto, e a temporalidade como ocorrem, é parte de uma abordagem multidimensional para compreender a pessoa com deficiência intelectual. A influência do apoio do treinador, com foco nas competências do atleta, configuram importantes aspectos diáde atleta-treinadora contribuindo para o desenvolvimento psicológico. **Objetivo:** Compreender como o esporte interfere no desenvolvimento psicológico de uma atleta com deficiência intelectual tendo como pano de fundo a teoria bioecológica do desenvolvimento humano. **Método:** Estudo de caso, envolvendo uma atleta, com síndrome de Down, 37 anos, filiada a um programa de natação de alto desempenho que visa a obtenção de resultados em competições orientadas pelo movimento paralímpico; e sua treinadora. Um roteiro semiestruturado orientou a entrevista. A análise dos dados foi descritiva e interpretativa. **Resultados:** O estudo evidenciou que as relações emocionais positivas que se estabelecem no ambiente esporte, em especial a confiança mútua tem impacto sobre o desenvolvimento psicológico do atleta. **Conclusões:** a análise da inter-relação atleta-treinadora, bem como o modo de operar deste microsistema, evidencia um processo dinâmico de constante ajustamento e reajustamento favorecendo o desenvolvimento psicológico do atleta com deficiência intelectual. O ambiente do esporte evidencia-se como um *setting* com características específicas, podendo ser considerado um nicho ecológico favorável ao desenvolvimento das pessoas com deficiência intelectual.

Descritores: palavras-chave: esportes, natação, deficiência intelectual, teoria bioecológica do desenvolvimento humano.

Key-words: Sports, swimming, intellectual disability, bioecological human development theory.

Introdução

O fenômeno desenvolvimento psicológico é complexo e multifacetado, motivo pelo qual estudiosos da área da psicologia do esporte, entre os quais Brandão¹ e Krebs et al.², têm incentivado a realização de investigações fundamentadas na teoria bioecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner³. O uso do modelo processo-pessoa-contexto-tempo, no ambiente esporte permite, segundo Woodcock et al.⁴, elucidar a relevância dos processos proximais estabelecidos nas relações interpessoais.

Estudos realizados por Wehmeyer e Bolding⁵, e Krebs⁶, com pessoas com deficiência intelectual, constataam que o ingresso no ambiente esporte é provido de novas oportunidades contribuindo para a mudança no desenvolvimento. As capacidades intelectuais, o comportamento adaptativo, a saúde, a participação e o contexto são os pilares de avaliação propostos pela AAIDD⁷ que potencializam o desenvolvimento da pessoa com deficiência intelectual.

Partindo-se da premissa de que as relações interpessoais são relevantes para o desenvolvimento do atleta com deficiência intelectual, o objetivo deste estudo foi o de compreender como o esporte interfere no desenvolvimento psicológico de uma atleta com deficiência intelectual sob a ótica da teoria bioecológica do desenvolvimento humano.

Método

Estudo de caso, envolvendo uma atleta, 27 anos de idade, com síndrome de Down, filiada ao programa de natação de alto rendimento da Associação Paradesportiva JR Ferraz, e a sua treinadora. Um roteiro semiestruturado com questões sobre mudanças percebidas no desenvolvimento psicológico e as atividades que possibilitaram a progressão e aumento de complexidade orientaram a entrevista que foi realizada individualmente. A análise dos dados foi descritiva e interpretativa explorando as relações interpessoais atleta-treinadora.

Os princípios de ética, de acordo com a Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, foram respeitados. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Judas Tadeu.

Resultados e discussão

A atleta integra a equipe de treinamento de natação há doze anos. Tem motivação para “treinar e pegar o índice, melhorar o tempo, para poder ganhar” em eventos nacionais e internacionais. Afirma gostar de treinar e o faz com responsabilidade. Observa-se que a atleta apresenta competências para manter-se engajada e ter destaque nas competições. As forças psicológicas são positivas e desenvolvimentalmente geradoras.

Atividades, como conversas e tomadas de decisões conjuntas na relação atleta-treinadora, são consideradas atividades molares (relevantes) para o desenvolvimento psicológico. A atleta ao afirmar que “pra mim é problema falar sim ou não, sou meio dividida, eu falo sim, eu falo não, eu falo talvez” reflete uma disposição pautada na reflexão, um exercício que requer conhecimento e experiência.

Uma ação mais independente da atleta, sobretudo em viagens para participação em competições, na opinião da treinadora se baseia na confiança mútua. A treinadora reconhece que, a atleta sendo preparada para um comportamento mais autônomo, ao vivenciá-lo se sente valorizada, o que aumenta a autoestima. Afirma que “é a coisa mais linda do mundo” quando observa mudanças de comportamento. A conduta positiva e a influência bidirecional, segundo Krebs⁸, contribuem para o desenvolvimento psicológico da pessoa em desenvolvimento.

Conclusões

O objetivo do presente estudo foi o de compreender como o esporte interfere no de-

envolvimento psicológico de uma atleta com deficiência intelectual com base na teoria bioecológica do desenvolvimento humano. A análise do microsistema atleta-treinadora, bem como o modo de operar deste microsistema evidencia um processo dinâmico de constante ajustamento e reajustamento. A identificação de processos proximais que ocorrem no ambiente familiar, quando interconectados ao ambiente esporte, potencializa o desenvolvimento. A interação multifacetada dos agentes participantes nos oferece compreensão sobre a influência do contexto (microsistema) em relação ao desenvolvimento do atleta.

O modelo processo-pessoa-contexto-tempo quando utilizado na preparação de atletas com deficiência intelectual dá visibilidade a diferentes componentes do sistema podendo orientar o planejamento de ações de intervenção. O ambiente do esporte evidencia-se como um *setting* com características específicas, podendo ser considerado um nicho ecológico favorável ao desenvolvimento das pessoas com deficiência intelectual.

Referências

1. Brandão MRF. A psicologia do exercício e do esporte e seus desafios para o milênio. In: Brandão MRF, Machado AA. (Eds.), Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício. São Paulo: Atheneu, 2007.
2. Krebs RJ, Santos, JOL, Ramalho MHS, Nazario PF, Nobre GC, Almeida RT. Disposição de adolescentes para a prática de esportes: um estudo orientado pela Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner. Motriz [Internet]. 2011; 17(1):195-201. Disponível em: doi 10.5016/1980-6574.2011v17n1p195
3. Bronfenbrenner U. (Ed.) 2005. Making human beings human: bioecological perspectives on human development. Thousand Oaks: Sage Publications. 306 p.
4. Woodcock C, Holland JG, Duda JL, Cumming J. Psychological qualities of elite adolescent rugby players: parents, coaches, and sport administration staff perceptions and supporting roles. The Sport Psychologist 2011; 25:411-443.
5. Wehmeyer ML, Bolding N. Enhanced self-determination of adults with intellectual disability as an outcome of moving to community-based work or living environments. Journal of Intellectual Disability Research 2001; 45(part 5):371-383.
6. Krebs RJ. A teoria bioecológica do desenvolvimento humano e o contexto da educação inclusiva. Inclusão – Revista da Educação Especial 2006; 1:40-45.
7. [AAIDD] American Association of Intellectual and Developmental Disabilities. 2010. Intellectual disability: Definition, classification, and systems of supports. 11th ed. Washington, DC: American Association on Intellectual and Developmental Disabilities.
8. Krebs RJ. Proximal processes as the primary engines of development. Int. J. Sport Psychol. 2009; 40(1):219-227.



Esporte adaptado para pessoas com deficiências: unesp/adapp de presidente prudente

Adapted sport to people with disabilities: unesp/adapp from presidente prudente.

Paulo Roberto Brancatti¹; Isaque Augusto²

1 – Professor da Universidade Estadual Paulista – Campus de Presidente Prudente.

2 – Técnico da ADAPP de Presidente Prudente.

Email: paulobrancatti@uol.com.br

Resumo

Introdução. O trabalho realizado na UNESP de Presidente Prudente teve início em 1999, quando percebi que não havia na Universidade nenhum trabalho nessa área e nesse sentido, implantei o Projeto denominado “Atividade Motora Adaptada” e hoje, com o título acima. Conta atualmente com vinte pessoas deficientes físicas, visuais e intelectual, participando das modalidades do atletismo, natação, bocha e basquete sobre rodas. **Objetivo.** Incentivar as pessoas com deficiências à prática do esporte e a partir da modalidade trabalhada fomentar ações que desenvolvam as habilidades técnicas e táticas a fim de formar atletas parolímpicos. **Metodologia.** São realizados encontros diários com a modalidade do atletismo que ocorrem na pista de atletismo da Universidade. A natação é desenvolvida na piscina olímpica do Município e a bocha também é realizada em um ginásio municipal. O treinamento da equipe de basquete sobre rodas é realizado três vezes por semana no Ginásio de esportes do Curso de Educação Física da Universidade. Em todas essas modalidades são realizadas ações de treinamentos físicos, táticos e técnicos. E para realizar essas atividades e acompanhar os atletas nos eventos desportivos, conta-se com a presença de alunos bolsistas e voluntários dos Cursos de Educação Física e Fisioterapia da FCT/UNESP, compondo a equipe técnica. **Resultados.** Pode se destacar conquistas internacionais com a equipe de atletismo nos Jogos parapan de 2010, nas Etapas Nacionais do Circuito Paralímpico (2010 a 2013) e nos Jogos regionais e abertos do Estado de São Paulo. Com o basquete sobre rodas, algumas conquistas de torneios regionais (2010, 2011 e 2012) e o título do Campeonato Paulista da 2ª Divisão de 2013. Como conclusão e considerações gerais, podemos destacar que o trabalho desenvolvido na UNESP tem crescido no que diz respeito à participação em competições e permanência de atletas e, no conjunto, a oportunidade de formação acadêmica na área articulando aspectos teórico-práticos, conhecimento sobre deficiências e o esporte como participação além de todos os benefícios sociais.

Palavras-chave: esporte, deficiência, participação e competição.

Introdução

O esporte adaptado tem sua história descrita, mais precisamente, a partir da segunda metade do século XX, data que marca o fim das duas grandes guerras mundiais, que gerou em grande quantidade, pessoas com deficiências, advindo dos traumas físicos, emocionais, psicológicos e sociais no combate e no enfrentamento de situações adversas à vida¹. Nesse sentido, vários países iniciaram projetos de natureza desportiva a essas pessoas incentivando à prática desportiva a fim de recuperar e reeducar resquícios de movimentos possíveis a serem trabalhado. No Brasil não foi diferente e encontramos relatos que a partir dos anos de 1950, iniciaram em São Paulo e no Rio de Janeiro, algumas entidades com a finalidade de trabalhar o esporte adaptado². Pensando nesse retrospecto, foi com essa intenção, que na UNESP – Campus de Presidente Prudente iniciou-se em 1999, o Projeto “Atividade Motora Adaptada” e posteriormente com o desenvolvimento de várias modalidades, denominou-se chamar Esporte Adaptado às Pessoas com Deficiência e conta atualmente com 20 pessoas atuando das modalidades de atletismo, natação, bocha e basquetebol sobre rodas³.

Incentivar pessoas com deficiências à prática do esporte e a partir da modalidade trabalhada fomentar ações que desenvolvam as habilidades técnicas e táticas a fim de formar atletas paralímpicos a fim de participarem de eventos dessa natureza pelo país. E também permitir a essas pessoas acesso aos novos conhecimentos adquirindo melhorias na sua qualidade de vida.

Método

No atletismo trabalham-se as provas de arremesso de peso, lançamento do dardo e disco; corridas de 100, 200 e 400 metros rasos para pessoas com deficiência visual e física. Na natação, trabalha-se o nado dos 50 metros borboleta, peito e crawl com dois atletas com deficiência física e no basquete sobre rodas os princípios

básicos como, passe, arremesso, dribles, condução das cadeiras de rodas e sistema de ataque e defesa. Na bocha, a pessoa praticante utiliza-se da canaleta de apoio e lançamento da pelota. Os encontros são realizados diariamente com a modalidade do atletismo, e ocorre na pista da FCT/UNESP. Atualmente, há três atletas em nível internacional e outros quatro que participam em competição regional, estadual e federal. Dentre esses há um atleta na categoria dos Jogos Paradesportivos Escolares, desde 2012. Na natação, há dois atletas a nível regional e nacional e os encontros são na piscina olímpica municipal. A bocha adaptada tem apenas uma pessoa com tetraplegia participando da modalidade que é desenvolvida em um dos ginásios de esportes do município e está em fase de iniciação na modalidade. A modalidade mais antiga no projeto é o basquetebol sobre rodas que, atualmente, possui doze atletas que participam do Campeonato Paulista da Segunda Divisão e os treinamentos são realizados no ginásio de esportes da UNESP⁴. Em todas essas modalidades, há alunos do Curso de Educação Física, voluntários e bolsistas. As pessoas atendidas estão assim distribuídas: 15 com deficiência física (amputados, paraplégicos, tetraplégicos e lesados medulares); 04 com deficiência visual e um com deficiência intelectual.

Resultados

São vários resultados conquistados pelas pessoas participantes, dentre eles, a inserção ao meio social e certa valorização da vida a partir do contato com outros atletas paraolímpicos e vários Municípios do Brasil.

Conforme tabela a seguir, eis alguns dos resultados da nossa equipe em competições a partir do ano de 2010.

Na natação os atletas competem principalmente nos Jogos Regionais e Abertos do Estado de São Paulo e a bocha está em início, tentando envolver mais pessoas com deficiências nessa modalidade.

Tabela 1: Títulos Conquistados pelo Basquete Sobre Rodas

Basquete sobre rodas		
Copa Mercosul/ Dourados	2010, 2011 e 2012	Campeã
Torneio Rodrigo Paiva em Piracicaba	2012	Campeã
Campeonato Paulista	2008 Série Bronze	Campeã
Campeonato Paulista	2009 Série Bronze	Vice-campeã
Campeonato Paulista	2ª. Divisão - 2013	Campeã

Tabela 2: Quadro de medalhas da Equipe de Atletismo Paralímpica

Equipe de Atletismo				
Ano	Competição	Ouro	Prata	Bronze
2013	Internacional	0	0	0
	Nacional	4	1	0
	Regional	12	4	4
2012	Paralimpiadas de Londres	0	2	0
	Internacional	2	2	1
	Nacional	8	3	3
	Regional	18	6	4
2011	Parapanamericano	2	7	0
	Internacional	2	3	1
	Nacional	9	3	1
	Regional	21	7	5
2010	Internacional	1	3	2
	Nacional	9	1	3
	Regional	19	8	5
Total	Total de medalhas	107	50	29

Discussão

Podem-se destacar algumas conquistas a nível internacional com o atletismo nos Jogos Pararam de 2010, nas Etapas Nacionais dos Circuitos Paralímpicos desde 2005 e nos Jogos Regionais e Abertos do Estado de São Paulo. No Basquete sobre rodas, conquista de alguns torneios regionais (2011 e 2012) em Dourados MS, (2012) em Piracicaba e mais recentemente

o Título de Campeão Paulista do Campeonato Paulista da Segunda Divisão de 2013.

Além dos resultados em competições oficiais, pode se verificar durante esse tempo, que a participação dessas pessoas em algumas dessas modalidades, tem demonstrado elementos que evidenciam a vida deles como, melhoria da condição psicológica, emocional e afetivo, melhoria no desenvolvimento físico, tático e técnico, além é claro no aspecto social, já que o esporte é uma ferramenta que permite isso⁵.

Conclusão

Podemos destacar que o trabalho desenvolvido na UNESP tem crescido no que diz respeito à participação em competições e permanência de atletas e, no conjunto, a oportunidade de formação acadêmica na área, articulando aspectos teórico-práticos, conhecimento sobre deficiências e o esporte como participação além de todos os benefícios sociais. E ainda, num programa de esporte para pessoas com deficiências, deve-se privilegiar o interesse, à vontade, a necessidade e a capacidade que cada pessoa tem para participar de uma determinada modalidade, respeitando acima de tudo, sua limitação e sua possibilidade de ação motora. A meta prioritária deve ser a garantia e o direito dos cidadãos de promover e lutar pela melhoria da qualidade de vida. O desporto, compreendido de maneira mais abrangente pelos seus participantes, torna-se um caminho para o autoconhecimento, a autovalorização, a melhoria orgânica e a oportunidade de se posicionar antes os preconceitos e as dificuldades estabelecidas pela deficiência.

Referências

- 1 Brancatti, PR. Educação Física e as Pessoas com Deficiências. In O Corpo e Movimento: textos e contextos. Ogs. José Milton de Lima e Márcia Regina C. de Lima. Marília, MT3, 2008.

- 2 Cidade, REA. Freitas, PS. Introdução à educação física e ao desporto para pessoas portadoras de deficiência. Curitiba: ED. UFPR, 2002.
- 3 Manzini, EJ. Brancatti, PR. Educação especial e estigma: corporeidade, sexualidade e expressão artística. Marília: Unesp Marília Publicações, 1999.
- 4 Mello, MT. Winckler C. Esporte Paralimpico, São Paulo Editora Atheneu, 2012.
- 5 Winnick, JP. Educação Física e Esportes Adaptados. Barueri SP, 2004

I Simpósio
Paradesportivo PaulistaResumo
das mesas redondasIniciação
paradesportivaTreinamento
de alto rendimentoAvaliação
no paradesportoDesenvolvimento
do paradesportoDança em
cadeira de rodas

Esporte e lazer para pessoas com deficiência na Universidade: um relato de experiência

Sport and recreation for people with disabilities in the university: an experience report

Cláudia Barsand de Leucas^{1,3}; Daniel Marangon Duffles Teixeira^{1,2}

1 – Doutorando(a) em Educação, Professor(a) do Curso de Graduação em Educação Física PUC Minas; 2 – Coordenador do Curso de Educação Física PUC Minas; 3 – Membro pesquisador da Academia Paralímpica Brasileira.
E-mail contato: cbarsand@yahoo.com.br

Resumo

Introdução: Este relato expressou a importância do estabelecimento de uma sistematização das ações como requisito básico para a eficiência e o desenvolvimento de esporte e lazer para PCD. **Objetivo:** Relatar os passos referentes ao planejamento e desenvolvimento de ações de esporte e lazer para pessoas com deficiência (PCD) em uma Universidade privada de BH no período de 2004 a 2013. **Métodos:** Foram relatados o planejamento e as ações da gestão do Complexo esportivo junto à Universidade, ao curso de Ed. Física e às instituições parceiras a partir do projeto de Ed. Física, esporte e lazer para a Universidade. **Resultados:** O processo apresentou-se coerente com os princípios propostos destacando-se a parceria com entidades no desenvolvimento do esporte paraolímpico. **Conclusão:** A organização e a sistematização proporcionaram uma otimização de estágios e a formação de profissionais qualificados para trabalhar com o paradesporto, demonstrando-se passível de ser reproduzida em outras instâncias.

Descritores: Gestão, Universidade, Esporte e lazer para pessoas com deficiência.
Keywords: Management, University, Sport and recreation for people with disabilities

Introdução

Em junho de 2003, iniciou-se a elaboração de um projeto de Ed. Física, esporte e lazer para a Universidade com o propósito de ampliar suas contribuições à comunidade, tornando-se um centro de ensino, extensão e pesquisa, em uma perspectiva de educação, saúde e qualidade de vida.

A experiência da PUC Minas com a área teve início em 1952 e em 1955 fundou-se a Escola de Ed. Física das Faculdades Católicas de Minas Gerais¹.

Em convênio com o Governo de MG transformou-se na Escola de Ed. Física do Estado de MG (PUC MINAS, 2005). Em 1969 a escola foi federalizada, transformando-se na atual Escola de Ed. Física da UFMG.

Em 1977 iniciaram os cursos de especialização e, dando continuidade as ações, foi construído o Centro de Atividades Esportiva incentivando a prática de esporte e de atividades físicas.

Em 2003 após selecionar um gestor para a área, iniciou-se um diagnóstico e a construção da proposta de trabalho baseada no princípio de uma gestão estratégica, segundo Costa², um processo de transformação organizacional voltado para o futuro, liderado, conduzido e executado pelos responsáveis pela alta administração de uma organização, com a participação dos gerentes e dos demais funcionários³.

O objetivo deste trabalho foi relatar os passos referentes ao planejamento e desenvolvimento de ações de esporte e lazer para pessoas com deficiência (PCD) em uma Universidade privada de BH no período de 2004 a 2013.

Método

A partir de conceitos na área de gestão, apresentamos a fundamentação do planejamento e desenvolvimento das ações.

Para Yamaguti⁴ a missão de uma organização expressa a sua razão de ser e determina

o que a empresa quer ser e a partir de que referência quer se relacionar com a sociedade. A visão, "um modelo mental de um estado ou situação altamente desejável, de uma realidade futura possível para a organização"².

Desta maneira, a missão adotada foi a de promover o desenvolvimento humano e social, contribuindo para a formação humanista e científica de profissionais, tendo como base valores da ética e da solidariedade e compromisso com o bem comum, mediante a integração entre a Universidade e a sociedade⁵.

Em seguida foi construída a missão de promover o esporte e o lazer, visando a educação e a melhoria da qualidade de vida, da comunidade e da sociedade em geral, auto sustentação e responsabilidade social; visando ser referência na cidade, no estado e no país, no desenvolvendo ações de esporte e de lazer, assumindo a missão e os valores sustentadores das ações nos próximos anos³.

Foram identificamos atores estratégicos (Arquidiocese de BH, a Sociedade Mineira de Cultura, a prefeitura de BH, governo do Estado e o Governo Federal), stakeholders ou partes interessadas que se relacionavam ou que passariam a se relacionar com o Complexo Esportivo na busca de alcançar sua missão e visão.

Após definir conceitos, deveríamos compreender e contemplar o esporte como conteúdo do lazer, de acordo com a Constituição Federal, ambos como Direito Social, nas dimensões do rendimento, da participação e educacional; tínhamos como princípios pedagógicos a ludicidade e o respeito às diferenças, queríamos que todos pudessem participar de nossas atividades, gostaríamos de ser uma organização que estimulasse as PCDs a participar do esporte paralímpico e de outras possibilidades vivenciando sua corporeidade com saúde, alegria e superação.

Resultados

Em 2004, iniciou-se a recriação do curso de Ed. Física com a implantação da Licenciatura

e do Bacharelado e o ressurgimento do Departamento de Ed. Física e com o Centro de Estudos em Ed. Física, Esporte e Lazer (CEEFEL) da Universidade^{6,7}.

Algumas ações previstas começaram a ser desenvolvida integrada com o Departamento de Ed. Física, coordenadas pelos professores com a participação de alunos, articulando teoria e prática, como ações integradas de ensino, pesquisa e extensão. Com uma infraestrutura privilegiada, ações para promoção do esporte e lazer para PCD foram iniciadas.

O Torneio Paradesportivo de Atletismo, 1º evento/novembro de 2004, em parceria com o SESC e com a Secretaria Estadual de Esportes, reuniu 500 atletas com deficiências de 7 cidades, 1ª competição de atletismo em pista oficial para PCD em BH, trouxe para a Universidade a discussão sobre a realidade da PCD e sobre o esporte adaptado possibilitando um estudo mais profundo sobre as necessidades físicas e organizacionais para a implantação do projeto de esportes para PCDs no Centro Esportivo.

Em dezembro de 2007 foi realizada a 2º Jornada da inclusão da PCD– Vitória pelo Esporte – Parceria com a Secretaria Estadual de Saúde e UNICIRCO. O objetivo de promover a inserção social, mobilização e conscientização no processo de inclusão, foram de grande relevância para os alunos do curso de Ed. Física, despertando para um novo campo de atuação.

Nos anos de 2007 e 2009 foram realizados os Jogos Paradesportivos do SESC reunindo atletas com deficiências físicas e intelectuais de BH.

Consolidando os objetivos propostos, em 2008 iniciou-se o treinamento das equipes paralímpicas de atletismo da Associação dos Deficientes Visuais de Belo Horizonte (ADEVIBEL) e de natação da Associação Amigos do Instituto São Rafael (AAISR). O convênio oportuniza o treinamento de paratletas que compõe a seleção Mineira. Iniciaram as atividades 15 atletas de atletismo, sendo que 10 deles fazem ou já fizeram parte da seleção Brasileira de atletismo paralímpico. Na natação são 14 atletas que treinam na piscina além de realizarem

treino de força na Academia PUC Minas e preparação física. Nos últimos 5 anos estes atletas têm representado o estado em diversas competições nacionais e internacionais. Os Convênios oferecem oportunidade de estágios para os alunos do Curso.

Discussão

O acordo de cooperação entre a AAISR, ADEVIBRL e a PUC Minas têm oportunizado (2008 a 2013) a realização de mais de 80 estágios. Depois de formados, muitos continuam trabalhando na área e 5 deles foram contrastados nestas associações.

A parceria proporciona aos estagiários viagens para competições além de visitas técnicas, palestras para as disciplinas afins, seminários, publicações científicas a partir do trabalho de conclusão de curso e outras ações.

Em outubro de 2011 foi realizada em parceria com a PBH a 1ª Jornada Paralímpica destinado a universitários e profissionais que atuam na área da atividade física, esporte e lazer para PCD, foram realizados minicursos, palestras, mesa-redonda, apresentação de trabalhos acadêmicos e de esportes paralímpicos.

Em 2012 a PUC Minas passou a ser Membro Institucional da Academia Paralímpica Brasileira, fortalecendo o compromisso de fomento e desenvolvimento do esporte paralímpico.

Em 2013 o projeto de extensão de Atletismo passou a atender PCD em parceria com a Secretaria Municipal de Educação.

Conclusão

Foram destacadas aqui algumas das ações de esporte e lazer para PCD realizadas na Universidade desenvolvidas por meio de parcerias com entidades, estas ações tem sido de extrema relevância para ambas as partes principalmente para o fomento do paradesporto, formação profissional e crescimento da produção

científica da área dentro da Universidade demonstrando-se passível de ser reproduzida em outras instâncias.

Referências

1. SOUSA, E.S. Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! História do ensino da educação física em Belo Horizonte.(1897 – 1994). 2002, 265 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
2. COSTA, Eliezer Arantes da. Gestão estratégica: construindo o futuro de sua empresa. São Paulo: Saraiva, 2012.
3. PUC MINAS. Planejamento Estratégico do Complexo Esportivo. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.
4. YAMAGUTI, Celso Likio. Planejamento Estratégico. In: KUAZAQUI, Edmir (org.). Administração para não administradores. São Paulo: Saraiva, 2006.
5. PUC Minas. Projeto Político-pedagógico dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física. Belo Horizonte: PUC Minas, 2006.
6. PUC Minas. Projeto Político-pedagógico dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.
7. PUC Minas. Projeto Político-pedagógico dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física. Belo Horizonte: PUC Minas, 2007.



